

Habitar em campos e cidades

Nesta aula, veremos como, a partir da Revolução Industrial, o **crescimento econômico e demográfico** modificou os padrões de vida dos grupos sociais, ampliando a **divisão territorial do trabalho** entre **campo** e **cidade**. Observaremos como a agricultura sofreu grandes transformações com a industrialização do campo, e como se intensificou o processo de urbanização no mundo contemporâneo.



Somente a sociedade humana “habita” o planeta, no sentido de transformá-lo segundo um objetivo pré-determinado. As metamorfoses do espaço habitado acompanham a maneira como a sociedade humana se expande e se distribui, acarretando sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente (mas também em cada país, em cada região e em cada lugar). O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa do espaço habitado.



A noção de distribuição espacial da humanidade, se considerada apenas em relação às condições naturais, é insuficiente. O **hábitat**, isto é, o espaço construído pelo homem, era antigamente o seu lugar de residência e de trabalho, e o espaço destinado às relações que uma vida social geograficamente confinada gerava, por meio do processo produtivo, tanto nos seus aspectos materiais como nos seus aspectos não materiais.



Considerando a totalidade da superfície terrestre, aparecem grandes espaços que estão quase vazios: são as zonas polares e as terras submetidas durante sete ou oito meses a temperaturas muito baixas, ou ainda, as regiões de grande altitude. As extensões quentes e secas também formam parte do conjunto muito debilmente povoado. Mas, aqui, os homens não estão ausentes e se reúnem, às vezes em grande número, nos pontos onde podem obter água. A Amazônia (América do Sul) e o Congo (África) não contam, em média, com mais do que 2 ou 3 habitantes por km². Ao contrário, na Ásia encontram-se regiões de clima quente e úmido fortemente povoadas. E as mesmas desigualdades ocorrem nas zonas temperadas.

Para explicar esses contrastes de concentração de população é necessário fazer as distinções abaixo.

- **Grandes regiões industriais:** cujo povoamento mais importante data do século XIX. Sua ocupação foi provocada pelos efeitos da Revolução Industrial, determinando uma concentração maciça da população nas cidades.
- **Grandes regiões agrícolas:** nas quais também existem desigualdades de povoamento por causa das condições geográficas e históricas.

Se tomarmos o exemplo das extensões submetidas ao clima tropical e que abrigam quase a metade do total da humanidade, veremos que apresentam um grande contraste entre áreas escassamente povoadas nas grandes massas florestais da América do Sul e da África, e os espaços muito mais restritos de Ásia tropical, onde vivem 1,5 bilhões de pessoas que se concentram nos vales dos grandes rios e em seus deltas, sobretudo na Índia e no sul da China.

Esses vales e deltas, atualmente tão povoados, antigamente eram espaços cobertos por densas selvas inundadas periodicamente, cuja conquista começou aos poucos, com os grandes impérios do passado. Ali, milhões de camponeses e pioneiros invadiram progressivamente a selva e construíram milhares de quilômetros de diques para conter rios e proteger as terras contra inundações.

No decorrer dos séculos, tanto o crescimento econômico como o crescimento demográfico foram muito lentos em todos os países. Até o século XIX, os homens eram essencialmente agricultores. Mas, a partir desse século, ocorreu uma transformação demográfica cujos múltiplos efeitos passaram a ter importância cada vez maior, como consequência das mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que se produziram desde o início do século XIX, a cujo conjunto se denominou **Revolução Industrial**. A partir de então, a agricultura se transformou; o comércio e os meios de transporte sofreram grande impulso. As cidades se multiplicaram e passaram a ser cada vez mais importantes.

A divisão entre os setores primário (agricultura e pecuária), secundário (indústria) e terciário (comércio e serviços) aprofundou-se em escala mundial. E a **população economicamente ativa** (aquela efetivamente engajada na economia) empregada no setor secundário passou a assumir importância cada vez maior na força de trabalho mundial.

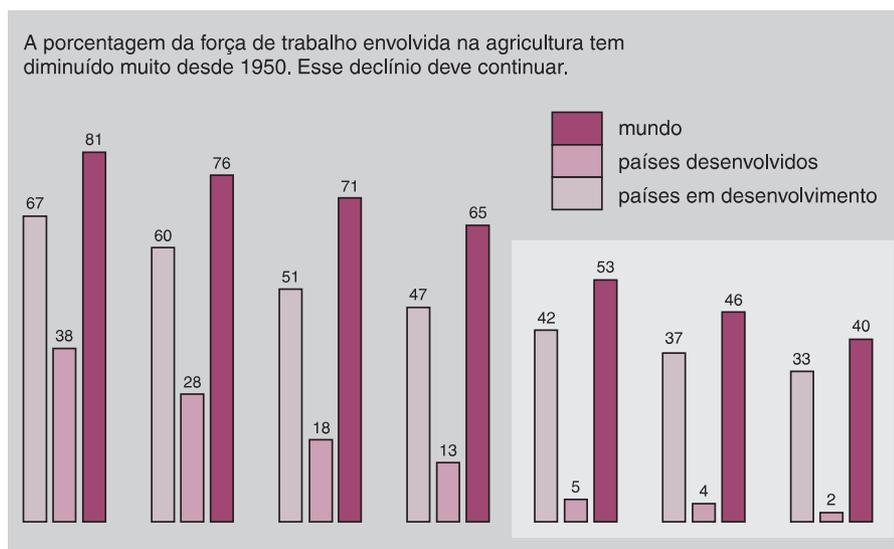


Gráfico mundial da força de trabalho empregada na agricultura.

Cerca de 2,5 bilhões de homens e mulheres vivem nas zonas rurais de todo o mundo, e 2 bilhões deles são camponeses que cultivam cerca de 1,5 bilhões de hectares, ou seja, aproximadamente 10% das terras emersas. Mas a distribuição das riquezas de que dispõem esses diferentes grupos não corresponde à distribuição da população.

Boa parte dos meios de produção está concentrada em países que contam com uma agricultura muito produtiva, concentrando também a produção industrial. Esses países possuem, ainda, potencial científico e tecnologia avançada.

A agricultura, hoje, não é mais a atividade principal dos países desenvolvidos. No entanto, continua sendo o meio de vida da maioria dos habitantes dos países subdesenvolvidos.

A partir do século XIX, a agricultura sofreu grandes modificações em consequência da transformação dos modos de produção no espaço, passando de uma agricultura de subsistência para uma agricultura comercial. Mas, em muitos casos, os camponeses que têm de cultivar para a exportação não conseguem preço suficiente para os produtos de seu trabalho nem chegam a produzir o suficiente para sustentar a família.

As atividades agrícolas praticadas por povos diferentes são extremamente variadas. Existem vários **sistemas de cultivo**, isto é, o conjunto de técnicas empregadas numa exploração agropecuária e de utilização do solo.

Também temos de levar em conta as diferenças de estrutura agrária. Elas se distinguem nas formas de propriedade da terra (propriedade coletiva, pequena propriedade privada, grande propriedade privada), cujas colheitas podem ficar com o proprietário ou ser repartidas entre o proprietário e os cultivadores. Às vezes a terra pertence a quem a trabalha, seja um grupo social (propriedade ou exploração coletiva) ou uma pessoa (pequeno proprietário). Na maioria dos casos, porém, a terra não pertence a quem a cultiva.

A agricultura dos países europeus deve sua existência milenar à variedade de condições naturais e ao preparo de campos de cultivo em meios rurais muito variados. Nesses campos, povoados por um camponês muito ligado à sua terra – condição que predominou durante muito tempo –, as modernizações se difundiram lentamente e transformaram de modo progressivo todos os sistemas agrícolas.

Hoje, os sistemas agrícolas europeus são, geralmente, intensivos e de produtividade alta, pois os meios técnicos aplicados na produção são consideráveis e apresentam grandes investimentos de capitais. A aplicação desses capitais tem como objetivo prover determinado produto; e a busca dos lucros é o que determina a combinação de cultivos escolhida, sem perder de vista as demandas do mercado.

Como consequência da expansão européia em áreas escassamente povoadas, a agricultura dos países “novos” (Estados Unidos, Canadá, Argentina, Austrália) nasceu quase ao mesmo tempo que a Revolução Industrial, que foi lhes fornecendo os meios técnicos para valorizar os imensos **espaços agrícolas** disponíveis.

A instalação da agricultura comercial nos países tropicais, destinada a abastecer os países industrializados, adquiriu a forma de grandes plantações coloniais. As maiores plantações se encontram na América Latina, que oferece produtos de grande valor no mercado internacional. No entanto, as populações que nelas trabalham são muito pobres, já que a colheita pertence a grandes proprietários. Isso se opõe a regiões tropicais, onde o nível de vida é muito elevado, como a Flórida ou a Austrália, cujos cultivos apresentam altos rendimentos por hectare.

O aumento populacional e o desenvolvimento têm vínculos complexos. O desenvolvimento econômico gera recursos que podem ser usados na melhoria da educação e da saúde, que juntamente com mudanças sociais a elas ligadas, reduzem tanto as taxas de fertilidade como as de mortalidade. Já as altas taxas de aumento populacional podem impedir as melhorias na educação e na saúde.

No passado, por meio da intensificação da agricultura e do aumento da produtividade, as nações puderam enfrentar as crescentes pressões populacionais sobre a terra disponível. A migração e o comércio internacional de alimentos e de combustíveis aliviavam a pressão sobre os recursos locais, permitindo manter as altas densidades populacionais de alguns países industrializados.

A situação se mostra diferente na maioria do mundo em desenvolvimento, no qual as melhorias obtidas na medicina e na saúde pública fizeram as taxas de mortalidade caírem acentuadamente e as taxas de aumento populacional atingirem níveis sem precedentes, pois as taxas de fertilidade permanecem elevadas. Grande parte do potencial humano não chega a se realizar e o desenvolvimento econômico pode cessar.

A pressão populacional já está forçando os agricultores tradicionais a trabalharem mais, quase sempre em fazendas cada vez menores, situadas em terras marginais, apenas para manter a renda familiar. Na África e na Ásia, a população rural praticamente dobrou entre 1950 e 1985, com um correspondente declínio na disponibilidade de terra. O rápido aumento populacional também cria problemas urbanos de cunho econômico e social, que ameaçam impossibilitar a administração das cidades.

O aumento populacional acelerou-se em meados do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial e das correspondentes melhorias na agricultura, não só nas regiões mais desenvolvidas como também em outras. A fase recente de aceleração começou por volta de 1950, quando as taxas de mortalidade tiveram redução acentuada nos países em desenvolvimento.

Hoje, o aumento populacional concentra-se nas regiões em desenvolvimento da Ásia, da África e da América Latina, responsáveis por 85% do aumento da população mundial a partir de 1950.

As projeções demográficas indicam que a população global aumentará para 6 bilhões no ano 2000 e para 8,2 bilhões em 2025. Mais de 90% desse aumento deverá ocorrer nas regiões em desenvolvimento.

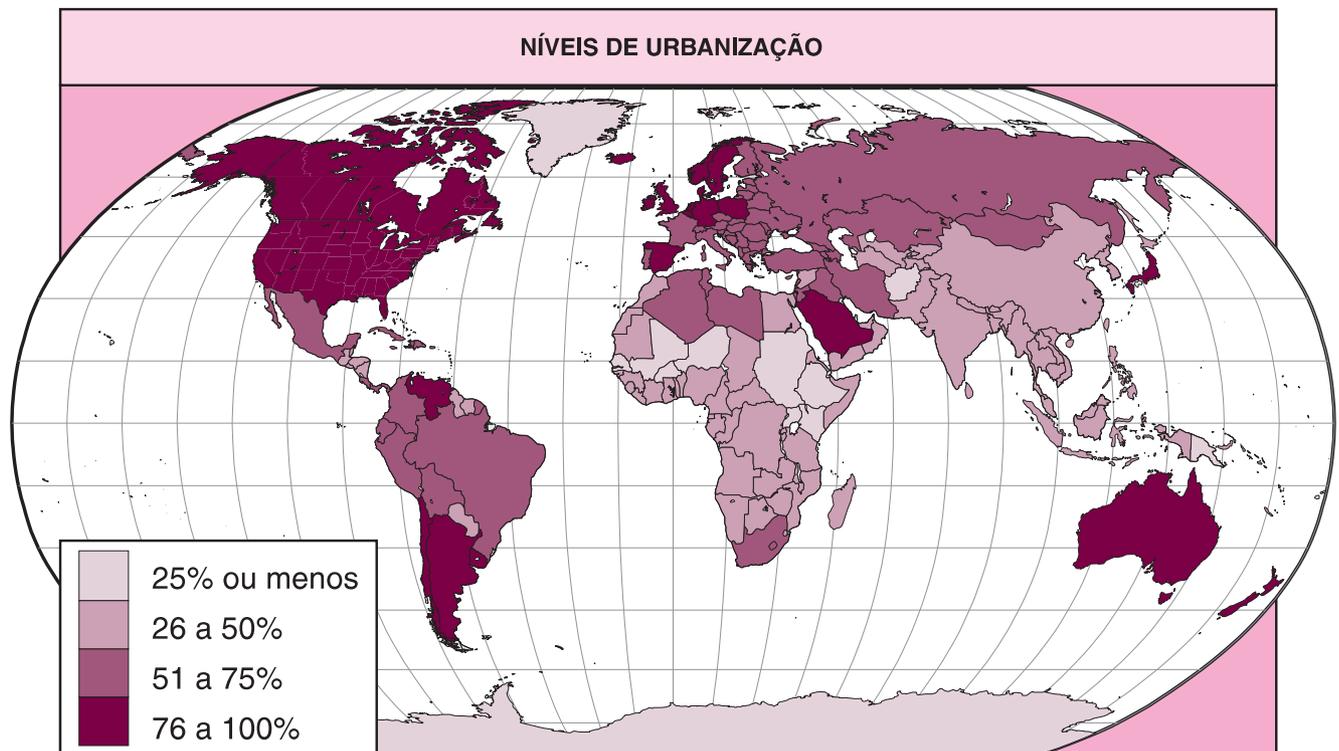
O aperfeiçoamento das comunicações possibilitou grandes deslocamentos de pessoas, às vezes como uma reação natural ao aumento das oportunidades econômicas em determinadas áreas. Isso aumentou rapidamente a mobilidade da população, acelerando as migrações internas e externas.

Grande parte dos deslocamento dá-se **do campo para a cidade**. Em 1985, cerca de 40% da população mundial vivia em cidades. A magnitude da migração para as cidades é comprovada pelo fato de que, a partir de 1950, o aumento da **população urbana** foi maior que o aumento da **população rural**, tanto em termos percentuais como absolutos. Esse deslocamento é mais impressionante nos países em desenvolvimento, nos quais o número quadruplicou nesse período.

No final deste século, quase metade do mundo estará vivendo em áreas **urbanas**, desde pequenas cidades até megalópoles. O sistema econômico mundial está se tornando cada vez mais urbano, com redes justapostas de comunicações, de produção e de mercadorias.

Tal sistema, com seus fluxos de informação, energia, capital, comércio e pessoas, gera a coluna dorsal do desenvolvimento nacional. As perspectivas de

uma cidade, grande ou pequena, dependem essencialmente do lugar que ela ocupa no **sistema urbano**, nacional e internacional.



Em muitas nações, certos tipos de indústria e de empresa de serviços estão se desenvolvendo em áreas rurais. Mas essas áreas vêm recebendo serviços e infra-estrutura de alta qualidade, com sistemas avançados de telecomunicações, que fazem com que suas atividades sejam parte integrante do sistema urbano-industrial nacional e global. De fato, o interior está sendo “urbanizado” cada vez mais aceleradamente.

O século XX é o da “revolução urbana”. Depois de 1950, o número de pessoas que vivem nas cidades quase triplicou; nas regiões mais desenvolvidas, a população urbana dobrou; no mundo menos desenvolvido, quadruplicou. Cidades como Seul, Bagdá, México, Manilha, São Paulo, Bogotá e Manágua viram o número de seus habitantes triplicar ou quadruplicar em poucas décadas.

Em muitos países em desenvolvimento, as cidades têm crescido muito além do que jamais se poderia imaginar. Poucos governos de cidades do mundo em desenvolvimento, cujas populações crescem a um ritmo acelerado, dispõem de poderes, recursos e pessoal treinado para lhes fornecer as terras, os serviços e os sistemas adequados a condições não-degradantes de vida: água potável, saneamento, escolas e transportes.

O resultado disso se revela na proliferação de assentamentos ilegais de habitações toscas, nas aglomerações excessivas e na taxa de mortalidade altíssima, decorrente de um meio ambiente insalubre, por causa de problemas de infra-estrutura deteriorada, degradação ambiental, decadência do centro urbano e descaracterização dos bairros. Os desempregados, os idosos e as minorias étnicas e raciais podem mergulhar numa espiral descendente de degradação e pobreza, pois as oportunidades de emprego diminuem, e os indivíduos mais jovens e mais instruídos vão abandonando os bairros decadentes.

No mundo industrializado, as cidades também são responsáveis por problemas de alcance global, tais como o consumo de energia e a poluição ambiental. Muitas delas obtêm seus recursos e sua energia de terras distantes, com fortes impactos coletivos sobre essas terras distantes.

As cidades muitas vezes são construídas sobre terras agrícolas mais produtivas, e o crescimento sem planejamento resulta na perda desnecessária dessas terras. Tais perdas são mais graves nas nações com áreas cultiváveis limitadas, como o Egito, por exemplo.

Em geral, o crescimento urbano muitas vezes vem antes do estabelecimento de uma base econômica sólida e diversificada para apoiar o incremento da infraestrutura, da habitação e do emprego. Em muitos lugares, os maiores problemas estão ligados a padrões inadequados de desenvolvimento agrícola e urbano.

A crise econômica mundial dos anos 80 não resultou somente em menores rendas, maior desemprego e na eliminação de muitos programas sociais. Ela também diminuiu drasticamente a já baixa prioridade dada aos problemas urbanos, aumentando a deficiência crônica dos recursos necessários para construir, manter e administrar as cidades.



Nesta aula você aprendeu que:

- o **hábitat** é o espaço construído pelo homem, onde estão explícitas a orientação econômica da produção e as desigualdades sociais na distribuição territorial da renda;
- até o século XIX, os homens foram essencialmente agricultores, mas a partir da **Revolução Industrial** ocorreram mudanças econômicas, políticas e culturais que provocam a transformação do **campo** e a concentração da população nas **cidades**;
- as atividades agrícolas praticadas pelos diferentes povos são extremamente variadas, e vão desde a **agricultura comercial**, com alta tecnologia dos países industrializados, dotada de **sistemas agrícolas intensivos**, até a **agricultura de subsistência e de camponeses sem-terra** dos países subdesenvolvidos, que cultivam para o próprio sustento em **sistemas agrícolas extensivos** e de baixa produtividade;
- a **urbanização** e a **metropolização** são processos que se aceleraram nas últimas décadas, tanto nos países industrializados como nos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos.

Exercício 1

Das quinze cidades mais populosas do globo, com exceção de Tóquio, Los Angeles e Osaka, onze estão em países subdesenvolvidos. Na história da civilização, nunca antes o homem se deparou com aglomerações urbanas tão densas.

MAIORES REGIÕES METROPOLITANAS DO MUNDO	
MEGALÓPOLIS	POPULAÇÃO (MILHÕES DE HABITANTES)
Tóquio	26,8
Nova York	16,2
São Paulo	15,4
Cidade de México	15,3
Xangai	14,1
Bombaim	13,3
Los Angeles	11,9
Buenos Aires	11,8
Seul	11,6
Pequim	11,4
Calcutá	11,1
Osaka	10,5
Rio de Janeiro	9,9

Fonte: ONU; IBGE

Analise a tabela e responda: quais problemas decorrem da concentração da população nas grandes cidades dos países subdesenvolvidos, e qual é a principal causa demográfica para que ocorram esses problemas?

Exercício 2

“Hoje, a produção mundial de alimentos por habitante é a maior verificada em toda a história da humanidade. E, sem dúvida, milhões de seres humanos pagam um pesado tributo anual – em morte, doenças, carências diversas – à fome e à desnutrição.”

Analise o texto e explique a causa desses problemas da humanidade.

Exercício 3

Explique o que significa **sistema urbano** e qual é sua importância.

Exercício 4

Que fenômeno demográfico se intensificou a partir de 1950.

Exercício 5

Cite a principal consequência global do crescimento e da expansão física das cidades, hoje.